

D. Afonso, Duque de Bragança: da morte de D. Duarte até à Batalha de Alfarrobeira – Apresentação e Estado da Investigação

Rui Filipe Ferreira Pereira
Universidade do Porto

Resumo

Este artigo tem como base o projeto da dissertação de mestrado em Estudos Medievais levado a cabo entre os anos letivos de 2014/2015 e 2015/2016 sobre *D. Afonso, Duque de Bragança: da morte de D. Duarte até à Batalha de Alfarrobeira*. Serão abordados temas como a questão historiográfica, a estrutura da dissertação, a metodologia utilizada e as conclusões provisórias até ao atual estado da investigação.

Palavras-chave

Duque de Bragança; regência; Duque de Coimbra; Batalha de Alfarrobeira

Abstract

This article is based on the project of the master's thesis on Medieval Studies carried out between 2014/2015 and 2015/2016 about *D. Afonso, Duque de Bragança: da morte de D. Duarte até à Batalha de Alfarrobeira*. We will discuss topics such as the historiographical question, the thesis structure, the methodology used and the provisional conclusions to the current state of research.

Key-words

Duke of Bragança; regency; Duke of Coimbra; Battle of Alfarrobeira

1. APRESENTAÇÃO DO PROJETO

No Mestrado em Estudos Medievais da FLUP, propomo-nos a estudar a figura de D. Afonso, 1º Duque de Bragança, desde a morte de D. Duarte até à batalha de Alfarrobeira (1438-1449). Apesar de já inúmeros autores se terem debruçado sobre esta época, apenas J. T. Montalvão Machado lhe dedicou uma biografia em 1964.¹ Excluindo esta obra, apenas há a acrescentar poucos artigos em que o Conde de Barcelos se torna a figura central, artigos esses que enumeraremos de seguida. É neste panorama historiográfico que cremos que esta dissertação se justifica, tentando aproximar a figura do 1º Duque de Bragança, de modo a esclarecer os motivos que o levaram às diversas posições assumidas durante estes onze anos especialmente decisivos.

Escolhemos esta baliza cronológica por se tratar de um período conturbado na história nacional e que ainda carece de interpretação em vários aspetos. O estudo da figura de D. Afonso vem apenas por gosto pessoal e também por falta de estudos científicos sobre esta personagem, num percurso que se iniciou no decorrer do Seminário em História Medieval no 3º ano da licenciatura.

1.1. OBJETIVOS

Como objetivos concretos para esta dissertação, destacamos:

- Estudar a ação política de D. Afonso, Conde de Barcelos, durante o período de entrega da regência a D. Leonor e, posteriormente, ao Infante D. Pedro;

¹ José Timóteo Montalvão Machado, *Dom Afonso, Primeiro Duque de Bragança: Sua Vida e Obra* (Lisboa: Edição do Autor, 1964).

- Referência e tentativa de interpretação de vários pontos-chave das suas posições e movimentações ao longo do governo do seu irmão;
- Evidenciar o aumento do seu património durante esta cronologia, assim como a relação mantida com os seus descendentes;
- Interpretação do papel assumido pelo Duque aquando da saída da regência de D. Pedro até à batalha de Alfarrobeira.

2. FONTES E QUESTÕES HISTORIOGRÁFICAS

2.1. FONTES

Ao estudar a figura do Conde de Barcelos, a primeira dificuldade que nos surge é apresentada pelas próprias fontes. Apesar de possuímos alguma documentação avulsa, a nossa investigação centra-se sobretudo na análise de crónicas.

O nosso foco vai para Gomes Eanes de Zurara, Rui de Pina e, com menor ênfase, Duarte Nunes de Leão e Gaspar Dias de Landim. Todos estes autores se debruçaram sobre este período, sendo o primeiro contemporâneo da cronologia em estudo. A obra deste cronista que analisámos, *Crónica de D. Duarte de Meneses*,¹ elaborada nos anos 60 do século XV, deveria, ou pelo menos poderia, retratar a regência de D. Pedro com bastante rigor, pois Zurara estaria por dentro dos assuntos palacianos. No entanto, apenas nos é relatado o início dos acontecimentos, tendo desaparecido a restante parte. Sobre este assunto, Larry King, o responsável pela melhor edição da Crónica, afirma: “perdeu-se, infelizmente, o relato de Zurara de uma das mais complexas lutas internas do Estado Português”.² Neste pequeno excerto que ainda resta, Gomes Eanes de Zurara chama a atenção para as cortes de Torres Novas e para o testamento de D. Duarte, afirmando que o encargo da regência à rainha viúva desagradou a bastantes pessoas por existirem três príncipes capazes de assumir o governo do reino: D. Pedro, D. Henrique e D. João. No entanto, o cronista assume que alguns fidalgos do reino tinham uma posição contrária, afirmando logo que com eles – talvez a liderá-los – estava o Conde de Barcelos. Note-se que não são referidos outros nomes a não ser D. Afonso, evidenciando a importância da posição deste filho natural de D. João I. É ainda abordada a tripartição da regência (D. Leonor, D. Pedro e D. Fernando, Conde de Arraiolos), assim como a campanha de D. Duarte de Meneses em Castela a mando de D. Pedro, acabando aí a descrição deste período.

O facto de o relato destes acontecimentos ter desaparecido leva a equacionar a provável destruição de certos escritos sobre D. Pedro e sobre o período da Regência em geral; contudo pensamos que Rui de Pina ainda teria tido acesso a alguns relatos mais específicos que não chegaram até hoje.

É sobre este cronista que nos debruçamos de seguida. Rui de Pina assume as funções de cronista-mor do reino em 1497. Por ordem de D. João II, começa a dedicar-se às crónicas durante o período acima referido, assim como as crónicas dos primeiros reis de Portugal, até Afonso IV, sendo os seus principais textos a *Crónica de D. Afonso V* e a *Crónica de D. João II*, por possuir mais informações, por ser contemporâneo destes monarcas e ter especial gosto em escrever sobre eles (e não sobre o deprimido e derrotado D. Duarte). M. Lopes de Almeida, o responsável pela última edição das crónicas, afirma que é importante “conhecer como Rui de Pina, vivendo num período histórico tão agitado e nele diretamente interveniente, pôde apreciar e julgar os homens, os do seu tempo e os do passado, os infantes D. Pedro e D. Henrique, Álvaro Vaz de Almada, as rainhas e o próprio D. João II, à beira do qual viveu, o Duque de Bragança, enfim, as notas de timbre moral e político que têm assento verdadeiro nos

¹ Gomes Eanes de Zurara, *Crónica de D. Duarte de Meneses* (Lisboa: FCSH-UNL, 1978).

² *Ibidem*, 33.

seus trabalhos.”¹ Na sua obra podemos verificar não só a sua opinião das qualidades e defeitos das pessoas, mas também o ambiente que se viveria após quase 50 anos do combate de Alfarrobeira. Porém, Pina toma claramente partido por uns personagens em desfavor de outros.

Debrucemo-nos agora sobre a crónica que abrange o nosso período cronológico, a *Crónica de D. Afonso V.*² Apesar de o texto não ser totalmente ‘contra’ o Duque de Bragança, o Duque de Coimbra é notoriamente favorecido, bastando recordar a forma como é descrita a morte de D. Pedro. O ambiente em que esta crónica foi escrita é já do conhecimento geral: foi mandada realizar por D. João II que, como se sabe, foi um monarca que não simpatizou com a Casa de Bragança. O facto de proteger o infante D. Pedro não impede que o mesmo cronista não sublinhe a culpa de D. Afonso V. As ações perpetradas contra o antigo regente são atribuídas à reação irrefletida do Duque de Coimbra e à manipulação por parte do Duque de Bragança, do Arcebispo de Lisboa e do Conde de Ourém. Entende-se esta posição porque uma crónica nunca poderia ir contra a coroa e, deste modo, procura desculpabilizar o monarca pela morte de D. Pedro.

Outro dos cronistas que estudámos é Duarte Nunes de Leão. Este autor destacou-se no final do século XVI e M. Lopes de Almeida refere que as suas crónicas dos reis de Portugal foram escritas nas últimas décadas da centúria acima referida. É a opinião geral que este autor se baseou na crónica de Rui de Pina sem lhe fazer acrescentos dignos de nota, e por isso não nos deteremos demasiado sobre ele.

Relativamente a Gaspar Dias de Landim, teremos de ter em conta um importante fator para permitir analisar devidamente a sua obra *O Infante D. Pedro*³: este autor desempenhou cargos que o colocam “indubitavelmente ao serviço exclusivo da poderosa casa dos duques de Bragança”.⁴ A análise que Humberto Baquero Moreno faz sobre este autor dá uma ideia da sua clara parcialidade, assim como dos erros evidentes, por isso não lhe dedicaremos especial atenção. O mais importante é o facto de, por ser fiel à casa de Bragança, passados tantos anos ainda ter o cuidado de desculpar o Duque de Bragança das suas ações, ou melhor, de culpar o Infante D. Pedro pela decisão da coroa. Este cuidado acompanha o crescimento desta casa senhorial, que se tornaria muito mais tarde uma casa real; portanto, era necessário limpar a imagem deixada por Rui de Pina.

Relativamente ainda a este tipo de fonte, temos ainda de destacar as crónicas castelhanas. Utilizaremos em concreto a *Crónica del Halconero de Juan II*,⁵ a sua refundição,⁶ e a *Crónica de D. Álvaro de Luna*.⁷ O objetivo que nos leva a estudar estas fontes estrangeiras prende-se com o facto de nelas termos uma visão diferente de todos os acontecimentos e também perceber que atenção teve na Península as ocorrências portuguesas.

A nível documental, recorreremos aos documentos retirados de várias coletâneas e publicações, assim como às chancelarias régias. O destaque irá, necessariamente, para os *Monumenta Henricina*,⁸ que fazem o levantamento dos documentos necessários para este período. Ainda há a acrescentar as atas de vereações da cidade do Porto publicadas por J. A. Pinto Ferreira,⁹ tal como as *Provas da História Genealógica da*

¹ M. Lopes de Almeida, “Introdução,” in *Crónicas de Rui de Pina* (Porto: Lello & Irmão, 1977), XXIII.

² Rui de Pina, “Crónica do Senhor Rey D. Afonso V,” in *Crónicas de Rui de Pina* (Porto: Lello & Irmão, 1977).

³ Gaspar Dias de Landim, *O Infante D. Pedro* (Lisboa: Escripório, 1893).

⁴ Humberto Baquero Moreno, “Do Valor Histórico de Gaspar Dias de Landim” in *A Historiografia portuguesa anterior a Herculano. Actas do Colóquio* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1977), 177-195.

⁵ Juan de Mata Carriazo, ed., *Crónica del Halconero de Juan II* (Madrid: Espasa-Calpe, 1946).

⁶ Don Lope Barrientos, *Refundición de la Crónica del Halconero* (Madrid: Espasa-Calpe, 1946).

⁷ Juan de Mata Carriazo, ed., *Crónica de Don Álvaro de Luna* (Madrid: Espasa-Calpe, 1940).

⁸ Dias Dinis, org., *Monumenta Henricina* (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960-1974).

⁹ J. A. Pinto Ferreira, org., *Vereações – Anos de 1401-1449* (Porto: Câmara Municipal do Porto, 1980).

Casa Real Portuguesa.¹ Relativamente a esta última fonte, importa sublinhar o volume V, dedicado aos Duques de Bragança. O autor destaca a má imagem deixada por Rui de Pina e faz uma alusão breve e bastante interessante à vida de D. Afonso, evidenciando os cargos que ocupou e os territórios que possuía, ordenados cronologicamente.

2.2. QUESTÃO HISTORIOGRÁFICA

A historiografia nacional ficou muito marcada pela opinião e testemunho de Rui de Pina, visto ser o único relato dos acontecimentos, pois a parte do texto de Gomes Eanes de Zurara tinha desaparecido e o texto de Gaspar Dias de Landim ainda não era do conhecimento do público em geral. Em 1855, Miguel Ribeiro d'Almeida e Vasconcelos elabora um artigo para a revista *O Instituto* em que retrata vários aspetos da vida de D. Pedro e refere as más relações mantidas com o seu meio-irmão, acusando o primeiro das intrigas que levaram o segundo para a morte no campo de batalha.²

O mesmo se passa com Oliveira Martins quando redige a sua obra *Os Filhos de D. João I*.³ Inspira-se no texto do cronista do reino e em outras obras que repetiam a opinião de Rui de Pina, criando uma versão mais romanceada.

No início do século XX, é de destacar um artigo de A. F. Barataque faz uma pequena alusão aos acontecimentos, acusando o Duque de Bragança de todos os acontecimentos pelo facto de ser bastardo, e publicando também um documento da vereação de Évora para complementar os seus argumentos.⁴

É de destacar Fortunato de Almeida, que ataca a posição de D. Pedro antes e durante a regência, na sua *História de Portugal*,⁵ deixando para trás a posição de Oliveira Martins e as anteriores registadas. Com a mesma orientação temos Manuel Heleno,⁶ e o seu artigo intitulado *Subsídios para o estudo da regência de D. Pedro, duque de Coimbra*. Nesta obra, o autor critica todos os passos dados pelo infante D. Pedro, censurando a versão romanceada de Oliveira Martins.

Um dos autores obrigatórios é Anselmo Braamcamp Freire que, na sua obra *Brasões da Sala de Sintra*,⁷ nos ajuda a compreender todos os cargos e possessões do Duque de Bragança, assim como a conhecer os criados desta casa ducal.

Artur Magalhães Basto, em 1925, elabora um artigo para a *Revista de História*,⁸ onde analisa as vereações portuenses para estes anos turbulentos e expõe com grande rigor a ação de D. Afonso na urbe, assim como o seu desejo de se apoderar daquela cidade.

É na segunda metade do século XX que se nota uma mudança na historiografia nacional; no entanto, os estudos sobre a personalidade do Duque de Bragança são escassos: em 1951, Gastão de Melo de Matos elabora um artigo sobre o *Itinerário do Duque de Bragança em 1449*,⁹ alertando para o erro de Rui de Pina quando descreve a viagem de D. Afonso até à corte. É de salientar que se trata do primeiro artigo dedicado em exclusividade ao Conde de Barcelos.

¹ António Caetano de Sousa, org., *Provas da História Genealógica da casa Real Portuguesa* (Lisboa: Academia Real, 1735-1749).

² Miguel Ribeiro d'Almeida e Vasconcelos, "O Duque de Coimbra. Regente do Reino" *O Instituto* Vol. III (1855): 301-303 e 316-319.

³ Joaquim Pedro de Oliveira Martins, *Os filhos de D. João I* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1891).

⁴ António Francisco Barata, "Vésperas de Alfarrobeira," *Arquivo Histórico* Vol. III (1905): 209-211.

⁵ Fortunato de Almeida, *História de Portugal*, vol. II (Coimbra: Edição do Autor, 1923).

⁶ Manuel Heleno, *Subsídios para o estudo da regência de D. Pedro* (Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial, 1933).

⁷ Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921).

⁸ Artur de Magalhães Basto, "Limiar da Tragédia. Reflexos do Porto nas vésperas de Alfarrobeira" *Revista de História* vol. 13 (1952): 241-271.

⁹ Gastão de Melo de Matos, "Itinerário do Duque de Bragança em 1449" *Revista Portuguesa de História* Tomo V, vol. II (1951): 419-437.

Vejamos finalmente a biografia de D. Afonso elaborada por J. T. Montalvão Machado em 1964. Esta obra é escrita por um médico da zona de Chaves, não um historiador, e, por ser um ‘conterrâneo’ do Conde de Barcelos, tem o objetivo de evidenciar que este tomou sempre as opções mais justas e mais legítimas durante todo o período em estudo. Contudo, muitas das suas considerações estão bem estruturadas e fundamentadas, e ajudam-nos principalmente a compreender a fase inicial da vida de D. Afonso. De destacar ainda um artigo redigido por Humberto Baquero Moreno dedicado exclusivamente ao Duque de Bragança durante a regência de D. Pedro. Trata-se de uma breve comunicação no Congresso *Barcelos – Terra Condal*,¹ em que evidencia as principais movimentações durante o governo de D. Pedro, baseando-se na sua tese de doutoramento, *A Batalha de Alfarrobeira. Antecedentes e significado histórico*.

Devido à escassez de publicações exclusivas sobre D. Afonso, teremos que nos focar nas obras que se referem a este período em geral. Como são numerosas, iremos escolher as que nos parecem mais importantes para o nosso tema.

E, neste início da segunda metade do século XX, há um autor que se destaca pela elaboração de três artigos publicados na *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*:² Artur Moreira de Sá. Este autor faz uma seleção de documentos relativos ao Infante D. Pedro, analisa vários fatores que o conduziram a Alfarrobeira e evidencia as lacunas no estudo desta época porque não tinha surgido “um historiador desapaixonado que se ocupe deste período, tao melindroso como difícil”.³

Teremos que esperar pela década de 70 para conhecer o grande impulsionador desta matéria: Humberto Baquero Moreno. Este autor dedicou o seu trabalho à figura de D. Pedro e a este período durante quase toda a sua vida académica. A ele devemos os principais estudos, dos quais se realça a sua tese de doutoramento⁴ e a abundância de artigos sobre a personalidade do Duque de Coimbra,⁵ assim como participações em obras coletivas. Nas suas investigações encontramos, naturalmente, alusões constantes ao Duque de Bragança que nos são bastante úteis.

Em 1980 é publicada uma obra de Lita Scarlatti intitulada *Os Homens de Alfarrobeira*, na qual a autora critica a posição de D. Pedro e apresenta vários fatores para a sua capitulação, censurando Rui de Pina. Apesar de a transcrição de alguns documentos conter erros e de alguns factos estarem bastantes exagerados e mal interpretados, há argumentos que parecem bem fundamentados.

Há que destacar ainda uma autora a quem devemos o primeiro estudo científico da Casa de Bragança: Mafalda Soares da Cunha. A sua obra, intitulada *Linhagem, Parentesco e Poder: A casa de Bragança (1384-1483)*,⁶ dá-nos uma boa reflexão sobre o crescimento do poderio desta casa senhorial desde Nuno Álvares Pereira, assim como sobre as conjunturas políticas que se viveram durante os anos em estudo, apesar do foco em D. Afonso ser curto. Porém, no seu artigo *Estratégias Senhoriais na Regência do Infante D. Pedro* já nos propõe a perceção política do conflito entre a Casa de Coimbra e a Casa de Bragança que decorreu durante este período, analisando a

¹ Humberto Baquero Moreno, “O Conde de Barcelos na regência do Infante D. Pedro” in *Barcelos Terra Condal – Congresso* (Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos, 1999).

² Artur Moreira de Sá, “O Infante D. Pedro e a crítica histórica,” *Revista da Faculdade de Letras* Tomo XVI, 2ª série, nº 3 (1956): 117-136. Artur Moreira de Sá, “Alguns documentos referentes ao Infante D. Pedro,” *Revista da Faculdade de Letras* Tomo XXII, 2ª série, nº1 (1956), 5-69. Artur Moreira de Sá, “As actas das cortes de 1438” *Revista da Faculdade de Letras* Tomo XXII, 2ª série, nº 2 (1956): 155-176.

³ Artur Moreira de Sá, “Alguns documentos referentes ao Infante D. Pedro”, p. 5.

⁴ Humberto Baquero Moreno, “A Batalha de Alfarrobeira: Antecedentes e Significado Histórico,” *Revista de Ciências do Homem* vol. IV Série B (1973).

⁵ A maioria dos artigos está compilada na seguinte obra: Humberto Baquero Moreno, *O Infante D. Pedro, Duque de Coimbra – Itinerários e Ensaio Históricos* (Porto: Universidade Portucalense, 1997).

⁶ Mafalda Soares da Cunha, *Linhagem, Parentesco e Poder: A Casa de Bragança (1384-1483)* (Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1990).

concessão de territórios a ambas as casas senhoriais, assim como algumas estratégias políticas.¹ É um estudo de extrema importância para a nossa dissertação, excelentemente estruturado e fundamentado.

Posteriormente, seguiu-se um período de estudos de menor fôlego sobre esta época. Destacam-se as investigações de Peter Russell sobre o Infante D. Henrique,² Alfredo Pinheiro Marques sobre a vida do Infante D. Pedro³ assim como a de João Silva de Sousa sobre o Conde de Ourém,⁴ e ainda sobre a casa senhorial do *Navegador*.⁵ Ainda de salientar a biografia de D. Afonso V elaborada por Saul António Gomes,⁶ uma outra sobre o D. Henrique,⁷ escrita por João Paulo Oliveira e Costa e ainda a biografia da rainha viúva redigida por Ana Maria Rodrigues.⁸

3. METODOLOGIA

Relativamente à metodologia, começámos por fazer um levantamento de todos os documentos que dizem respeito à figura do Duque de Bragança, não só durante este período, mas também durante toda a sua vida. Após este primeiro passo, elaborámos uma bibliografia com as principais obras que teríamos de analisar. Depois de recolhida toda esta informação, passámos para a análise simultânea da bibliografia e dos documentos que anteriormente tínhamos recolhido, fazendo fichas de leitura, de modo a facilitar o acesso e a pesquisa.

Outro dos pontos da nossa metodologia passa por fazer um estudo comparativo das fontes, neste caso, as crónicas de Rui de Pina e de Gaspar Dias de Landim, para verificar em que pontos convergem ou divergem. Também iremos realizar o mesmo trabalho com a crónica de Duarte Nunes de Leão, embora saibamos desde o princípio que as diferenças entre este e Rui de Pina não são tão evidentes como para Gaspar Dias de Landim. Temos sempre de ter em conta quando foram escritas, assim como os propósitos que tiveram.

Por fim, importa referir que já pedimos a colaboração com a Oficina do Mapa para a realização de cartografia histórica. Temos, para já, o objetivo de fazer três mapas:

- um com as jurisdições do Duque de Bragança, diferenciando dois períodos, antes e durante a regência, para perceber se realmente D. Afonso terá sido bastante beneficiado durante o governo do seu meio-irmão;
- um outro com o itinerário realizado por D. Afonso aquando da sua ida à corte em 1449, um dos fatores principais que conduziu à batalha de Alfarrobeira;
- um terceiro, onde partiremos da base de dados fornecida por Humberto Baquero Moreno no seu livro *Infante D. Pedro: Itinerários e Ensaios Históricos*, que registre os locais da presença de D. Pedro durante a sua regência. Contudo, ainda não sabemos se colocaremos este último na dissertação, visto esta não dizer diretamente respeito ao Duque de Bragança.

¹ Mafalda Soares da Cunha, “Estratégias senhoriais na regência do Infante D. Pedro” *Estudos Medievais* n.º10 (1988), 269-290.

² Peter Russell, *Prince Henry ‘The Navigator’: A Life* (New Haven: Yale University Press, 2000).

³ Alfredo Pinheiro Marques, *A Maldição da Memória do Infante Dom Pedro e as origens dos Descobrimientos Portugueses* (Figueira da Foz: Centro de Estudos do Mar, 1994); Alfredo Pinheiro Marques, *Vida e Obra do Infante D. Pedro* (Lisboa: Gradiva, 1996).

⁴ João Silva de Sousa, *D. Afonso: 4.º conde de Ourém* (Ourém: Camara Municipal de Ourém, 2005).

⁵ João Silva de Sousa, *A Casa Senhorial do Infante D. Henrique* (Lisboa: Livros Horizonte, 2006).

⁶ Saul António Gomes, *D. Afonso V* (Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2006).

⁷ João Paulo Oliveira e Costa, *Henrique, o Infante* (Lisboa: A Esfera dos livros, 2013).

⁸ Ana Maria S. A. Rodrigues, *As Tristes Rainhas* (Lisboa: Temas e Debates, 2013).

4. Estrutura do trabalho de investigação

Como estrutura desta dissertação, e depois de uma introdução com a problemática das fontes e da bibliografia, teremos uma primeira parte em que nos referimos à vida do Conde de Barcelos até à morte de D. Duarte, analisando sumariamente os principais aspetos da sua vida, desde o nascimento até aos conselhos na política africana.

Na segunda parte, entramos no período em estudo, que optámos por dividir cronologicamente em três partes: 1438-1441; 1442-1445; 1446-1449. No primeiro intervalo, faremos alusão ao apoio dado por D. Afonso à rainha D. Leonor, assim como a sua tentativa de casar o jovem monarca com a sua neta. Analisaremos ainda o seu papel de estranho mediador nas cortes de 1439 e que protagonismo teve na fuga da rainha para o Crato. Por fim, examinaremos a decisiva aliança que celebrou com os Infantes de Aragão e o quase confronto com os seus irmãos D. Pedro e D. Henrique nas margens do Rio Douro em 1441. Passando para o segundo período, evidenciaremos em que moldes surgiu a casa ducal de Bragança e de que modo estes anos foram fulcrais para o aumento de território de D. Afonso. Também tentaremos interpretar o período de acalmia aparente a nível nacional, destacando-se apenas a preocupação num combate contra Castela. No último segmento cronológico em estudo, faremos alusão à reação do Duque de Bragança à primeira entrega do reino a D. Afonso V, mostraremos o agudizar das relações e o extremar de posições que se verificou no ano de 1448, assim como a concórdia entre o Conde de Barcelos e o Duque de Coimbra, e evidenciaremos o caso da cidade do Porto, que o Duque de Bragança sempre tentou controlar já desde a década de 1430. Por fim, pormenorizaremos a ida de D. Afonso às Cortes de Santarém de 1449, que culminou com o despoletar da batalha de Alfarrobeira mais tarde; e terminaremos com um ponto sobre o ambiente político e social após a batalha que desembocou na morte de D. Pedro. Por último, retiraremos as conclusões finais possíveis deste projeto de investigação e apresentaremos os anexos que ajudarão a suportar o trabalho escrito.

5. CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Ao longo do período em estudo, D. Afonso sempre se pautou por diversos comportamentos. Enquanto no início da regência de D. Pedro, o apoio a D. Leonor era marcante, atacando a fação de D. Pedro e querendo casar a sua neta com D. Afonso V, a fuga da rainha e o episódio de Lamego de 1441 vieram alterar esta situação. Confrontado com o poderoso exército dos seus irmãos Pedro e Henrique, o Conde de Barcelos não teve alternativa senão baixar a guarda e aceitar as condições do regente. É neste ano que se dá a alteração mais significativa de conduta em D. Afonso, pelo menos aparentemente. Vemos o futuro Duque de Bragança mais distanciado dos negócios do reino, preocupado com as suas terras no norte de Portugal. É também a partir de 1442 que o seu património aumenta, recebendo a região de Bragança. A doação deste território não era tão importante se agregado não viesse o título de duque, equiparando-o aos filhos legítimos de D. João I.

A partir de 1446, nota-se outra alteração de comportamento em D. Afonso. Nas cortes que entregam o reino ao jovem monarca, o Conde de Barcelos, através de Gonçalo Pereira, dá a conhecer a sua opinião: o governo de Portugal teria de ser devolvido ao rei. É este momento que marca uma nova mudança: entre 1446 e 1449 vários acontecimentos e intrigas conduzirão ao desfecho de Alfarrobeira. De salientar a concórdia estabelecida entre D. Afonso e D. Pedro em 1448 e a sua deslocação à corte no ano seguinte por terras do ducado de Coimbra. Esta última ocorrência acabará por precipitar a queda do Duque de Coimbra, fazendo de D. Afonso o ponto-chave do conflito.